

A Evangelização junto às Juventudes: Esperanças para o pós-pandemia

Natasha Pinheiro Magalhães Ribeiro ¹

Resumo: É fundamental a Igreja repensar novas formas de evangelização junto aos jovens para permanecerem com a sua identidade, continuando sendo sinal da presença de Cristo diante da realidade pandêmica a qual enfrentam diversas adversidades. Avaliar os desafios de apresentar Cristo como pessoa que deseja a vitalidade juvenil, diante da realidade pandêmica, a qual os afeta em diversas instâncias. Sendo assim, repensar a linguagem evangelizadora para o pós-pandemia. Fundamentamos a reflexão na Exortação Apostólica *Christus Vivit*, analisando as possíveis perspectivas juvenis para após a COVID-19. Uma Igreja coerente com o atual contexto global é capaz de seduzir os jovens, os quais desejam uma comunidade que não esteja trancada na sacristia obstinada pelas temáticas de sempre, mas uma que esteja “em saída” (ChV 41). Perante o atual cenário regido pelo Coronavírus, estar a serviço do outro é essencial para a primazia do bem comum. Muitos se sentem atraídos pela dimensão do serviço, aspecto importante e necessário para (re)descobrir o sentido da vida cristã e eclesial (ChV 225). Reconsiderar as novas perspectivas evangelizadoras para o pós-pandemia é essencial para enfrentarmos os novos desafios expressos pelos jovens como consequência do que estamos vivendo. Será preciso construir um ‘novo normal’ para nossas juventudes.

Palavras-chave: Teologia Pastoral. Juventudes. Pandemia. Evangelização.

INTRODUÇÃO

O número de jovens infectados pela Covid-19 tem crescido significativamente, fazendo, inclusive, com que alguns especialistas não considerem que haja o assim chamado “grupo de risco” (BARBIRATO, 2021). Entretanto, o contágio não é o único problema enfrentado por eles. O jornal americano *The New York Times* afirma que o desespero entre os jovens aumenta à medida em que o colapso da Covid-19 se prolonga e, por isso, podemos considerar que estamos vivenciando também uma pandemia de saúde mental, que deve ser encarada com igual seriedade (DANIELS, 2021).

Os jovens, em sua maioria com rotinas agitadas e dinâmicas, desaceleraram o ritmo de vida de forma abrupta, para entrarem em distanciamento social. Muitos perderam seus empregos, migraram das salas de aulas presenciais para ambiente virtual de aprendizagem, tiveram suas demais atividades suspensas, passaram a ter pouco convívio presencial com outros núcleos sociais, a não ser o familiar. Esses e outros inúmeros fatores contribuem para o surgimento e agravamento de crises psicológicas (BARBIRATO, 2021).

O Papa Francisco inicia a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* com a afirmação “Cristo vive: é Ele a nossa esperança, e mais bela juventude deste mundo!” (ChV 1).

¹ Bacharel em Teologia (PUC-Rio); mestranda em Teologia (PUC-Rio); n.natasharibeiro@outlook.com

Cristo, como pessoa que deseja a vitalidade juvenil, é a chave para novas respostas diante de um cenário pandêmico repleto de desesperança para alguns jovens.

Iremos partir de uma reflexão pastoral do Evangelho, a fim de analisar o trabalho junto às juventudes. Ressaltaremos a confiança que a Igreja precisa depositar nos jovens, refletindo sobre novas formas de evangelização em que ela se põe à escuta deles e se torna companheira no caminho dessa conjuntura tão incerta.

1 SUPERAR A DESCONFIANÇA

Reflitamos brevemente sobre duas passagens do Evangelho de Marcos, recordadas pela *Christus Vivit* (ChV 35). A primeira, no contexto da prisão e início da paixão do Senhor, vemos um jovem seguidor de Jesus que não teve coragem para encarar a situação dramática e, marcado pelo medo, foge nu (Mc 14,51-52). A segunda nos apresenta um outro jovem. Ao colocá-lo junto ao sepulcro, Marcos afirma a dramaticidade da morte de Jesus. Contudo, o evangelista apressa-se no afirmar que o túmulo está vazio e que é o jovem, vestido com uma túnica branca, quem convida as mulheres a perderem o medo e anunciar a alegria da ressurreição (Mc 16,5-7).

Essas passagens podem nos ajudar a compreender a complexidade da evangelização junto às juventudes. Há medo e há coragem, há fraqueza e há força, há morte e há vida. Nesse contexto pandêmico, e após ele, não será diferente. Contudo, nossa pastoral precisa deixar-se guiar pelo segundo texto; é esse o “modelo” de juventudes que queremos formar.

Antes, porém, a presença do primeiro texto, no Evangelho, ajuda-nos numa importante preocupação pastoral: como podemos colaborar para que nossos jovens não tenham medo? É preciso não negar o risco do abandono, do desencanto pela pessoa de Jesus e por sua comunidade. Existem ameaças graves enquanto não enxergarmos progressos na melhora do cenário. Nossas juventudes sofrem sem a previsão de vacina para sua faixa-etária; com o retorno das aulas presenciais; com os discursos de pseudo-normalidade de suas vidas sociais e encontros em comunidade (inclusive religiosos). Por caminhos diversos o desencanto pela vida e pela fonte da vida pode apresentar-se. Nossa proposta evangelizadora, apesar de todos os problemas enfrentados durante a pandemia e que se estenderão posteriormente a ela, deve ajudá-los a participar da boa-notícia da ressurreição.

Se perdeste o vigor interior, os sonhos, o entusiasmo, a esperança e a generosidade, Jesus apresenta-se diante de ti como se apresentou ante o filho morto da viúva, e, com todo o seu poder de Ressuscitado, o Senhor te exorta: ‘Jovem, eu te digo, levanta-te!’ (Lc 7,14). (ChV 20).

Para que isso ocorra, a Igreja precisa superar o perigo de não crer nas juventudes. Nos evangelhos, vemos como Jesus não queria que os jovens fossem menosprezados pelos mais velhos. Em seu discurso exortava: “o maior entre vós seja como o mais jovem” (Lc 22,26b). O Papa Francisco afirma que para Jesus, a idade não era equivalente à dignidade (ChV 14).

Citando a Primeira Carta de São Paulo a Timóteo, assim se expressa: “ninguém te menospreze por ser jovem” (1Tm 4,12a). O Papa reconhece as dificuldades das juventudes nos espaços sociais e eclesiais, manifesta sua preocupação com o desânimo diante do sentimento de descrédibilidade e deseja que a Igreja se comprometa com as juventudes, para que elas não cedam à tentação de abandonar a luta por transformações (ChV 15).

Por isso, o estar a serviço do outro apresenta-se como uma dimensão importante para uma pastoral junto aos jovens nesse momento. Visto que muitos deles se sentem impelidos à solidariedade, a valorização desse aspecto pode ser responsável pela redescoberta e ressignificado da vivência cristã no contexto atual. A condição pandêmica em que nos encontramos demonstra que as formações doutrinárias se tornam ato pastoral segundo. Não significa dizer que não são valorosas, mas sim, entender que, nesse momento, a reflexão de como instruí-los para a ação, para serem protagonistas, para ir ao encontro dos mais afetados durante todo esse período, seja de forma material ou psicológica é, de fato, ato primeiro (ChV 225). Uma Igreja atenta ao atual contexto encontra a oportunidade de pôr-se “em saída” (ChV 41), dedicando-se ao serviço do outro e tutelando a primazia do bem comum.

Tendo em vista essa realidade, somos convidados, a conceber uma pastoral a partir de uma Igreja companheira no caminho e desejosa em reconhecer, na dramaticidade desse mesmo caminho, os sinais da fé na vitória da vida sobre a morte (ChV 233).

2 POR UMA IGREJA COMPANHEIRA NO CAMINHO

É fundamental que a Igreja pense novas formas de evangelização junto aos jovens, atualizando o seu ser sinal da presença de Cristo em meio ao atual cenário permeado por inúmeras adversidades. Como Hans Jonas questionou o pensar Deus após Auschwitz (JONAS, 2016, 8-9), é preciso que nos perguntemos: qual conceito de Deus apresentaremos aos jovens durante e após a pandemia?

Jesus pode iluminar o jovem a partir da sua própria juventude (ChV 31). Ao apresentarmos a vida pública de Jesus a partir dos Evangelhos, os jovens podem identificar nele diversos traços de sua juventude. Esse jovem Jesus viveu a amizade e lealdade com seus discípulos; se compadeceu com os marginalizados, principalmente, com os pobres, mulheres e crianças; denunciou as autoridades tanto religiosas quanto políticas; sentiu-se sozinho, incompreendido, fragilizado; sentiu a dor da perda; o receio do sofrimento; viveu sua Paixão.

A partir desse olhar para a trajetória de Cristo, que, apesar de todas as circunstâncias, não abandonou a intimidade e vinculação com o Pai, nossos jovens podem enxergar um modo de ressignificar seus medos, suas inquietudes, suas aspirações e depositarem sua confiança n’Aquele que almeja a sua vitalidade (DF 63).

Esses aspectos da vida de Jesus podem se tornar inspiradores para todo jovem que cresce e se prepara para realizar sua missão. Isso implica amadurecer no relacionamento com o Pai, na consciência de ser

um dos membros a mais na família e na comunidade, e na abertura para ser plenificado pelo Espírito e conduzido para realizar a missão que Deus solicita, a própria vocação. Nada disso deveria ser ignorado na pastoral juvenil, para não criar projetos que afastem os jovens da família e do mundo, ou os convertam em uma minoria seleta e preservada de todo o contágio. Portanto, necessitamos de projetos que os fortaleçam, os acompanhem e os impulsionem ao encontro dos outros ao serviço generoso, à missão (ChV 30).

É verdade que, às vezes, diante de tão cheio de violência e egoísmo, os jovens podem correr o risco de se fechar em pequenos grupos e, assim, privar-se dos desafios da vida em sociedade, de um mundo amplo, desafiador e necessitado. Sentem que vivem o amor fraterno, mas talvez seu grupo tenha se tornado mera extensão de seu eu. Isso se agrava quando a vocação do leigo é concebida somente como um serviço dentro da Igreja (leitores, acólitos, catequistas etc.), esquecendo que a vocação leiga é acima de tudo a caridade social e a caridade política: é um compromisso concreto a partir da fé para a construção de uma nova sociedade, é viver no meio do mundo e da sociedade para evangelizar suas várias instâncias, para fazer crescer a paz, a convivência, a justiça, os direitos humanos, a misericórdia, e assim, estender o Reino de Deus ao mundo (ChV 168).

Para uma eficaz evangelização junto aos jovens a coerência é indispensável. Uma Igreja comprometida com o atual contexto pandêmico, com as atuais demandas da sociedade deveria ser capaz de apresentar-se como companheira no drama, assim como Jesus o foi com os discípulos de Emaús (Lc 21,13-35). O Evangelho, em sua riqueza infinita, precisa ser revisitado e compreendido à luz dos novos dramas. Cabe-nos, enquanto Igreja, com humildade, abrimo-nos para ouvi-los e iniciarmos uma caminhada feita de mútuos aprendizados (ChV 41).

CONCLUSÃO

A realidade pandêmica afeta a todos nós de alguma forma; percebemos o quanto os jovens precisam ser ajudados diante desse cenário pelas inúmeras outras questões que se somam a essa e os prejudicam. Olhar para eles, em sua integralidade, contribui para que percebamos que há outros elementos para além da vivência de fé que precisam ser cuidados. Entretanto, a chave de resposta para suas demandas terá como centro esse Cristo que quer estar junto deles, iluminando-os através de sua juventude.

E, portanto, como Igreja precisamos acolher esses jovens com suas inquietudes, feridas e desânimos, para juntos com eles construirmos novas perspectivas eclesiais e sociais para suportar esse período de crise. Em um primeiro momento escutá-los, para oferecer respostas de

acordo com as questões apresentadas. Após entender o que esperam, ajudá-los no exercício da ação, de pôr em prática suas ideias.

Reconsiderar as novas perspectivas evangelizadoras para o pós-pandemia é essencial para enfrentarmos os novos desafios expressos pelos jovens como consequência do que estamos vivendo. Não saberemos como serão os próximos passos, pois é um cenário inédito e a execução das ideias que irão surgir ao nos reinventarmos ocorrerá de forma gradual. Porém sabemos que não há como dar passos adiante sem construirmos um ‘novo normal’ para nossas juventudes.

REFERÊNCIAS

- BARBIRATO, F. Um ano de pandemia: como está a cabeça dos jovens? *Veja Rio*, Rio de Janeiro, 23 fev. 2021. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/03/07/interna_gerais,1244069/perfil-da-covid-19-em-mg-jovens-estao-na-lista-dos-mais-contaminados.shtml>. Acesso em: 29 abr. 2021.
- DANIELS, N. Young people's despair deepens as Covid-19 crisis drags on. *The New York Times*, Nova Iorque, 17 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/02/17/learning/lesson-of-the-day-whats-the-point-young-peoples-despair-deepens-as-covid-19-crisis-drags-on.html>>. Acesso em: 29 abr. 2021.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Christus Vivit: aos jovens e a todo povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- JONAS, H. *O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia*. São Paulo: Paulus, 2016.
- SÍNODO DOS BISPOS. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Documento final da XV assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos. São Paulo: Paulinas, 2019.